

RECUPERANDO ÁREAS (E MENTES) DEGRADADAS COM ENCANTAMENTO: A EXPERIÊNCIA DA “COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA” DO TERRITÓRIO INDÍGENA XUCURU

Mozart Augusto Mariano Machado¹

DOI: 10.26512/revistacalundu.v6i1.43897

Segundo a tradição do pensamento ocidental, diz-se ter havido um “desencantamento do mundo”, com isso significando que a vida social foi sendo reduzida à lógica racional e à perspectiva do mero cálculo instrumental, em que o sujeito moderno passou a se despir de toda e qualquer interação ou interpelação com o que comumente se costuma associar ao “mágico” e à “tradição”.

Ao fim, alguns dos resultados negativos desse “desencantamento do mundo” podem ser minimamente traduzíveis a partir de diversos conceitos cunhados nos últimos tempos, como “razão instrumental”, “banalidade do mal”, “vida inautêntica”, “biopoder”, “necropoder” etc.

No presente, a situação agravada pode ser averiguada, por exemplo, na forma de diversas crises: ambiental, hídrica, sanitária, social, econômica, política, institucional, ética, entre outras tantas crises que denotam um desmoronamento e um esgotamento nestes tempos.

Para nos atermos mais especificamente ao avanço destrutivo sobre as paisagens naturais e sobre os ecossistemas, o aparecimento cada vez mais evidente do comprometimento de diversos serviços ambientais, que caminha a passos largos e muitas vezes de forma irreversível, coloca a agenda da recuperação ambiental como central e estratégica para o presente e para o futuro.

Com efeito, a ciência convencional moderna produziu diversas contribuições em matéria de recuperação de áreas degradadas. E não seria o caso, por certo, de menosprezar as diversas técnicas de recuperação ambiental identificadas ou formuladas desde a “ciência desencantada”, citando-se, por exemplo, as técnicas de “plantios de

¹ Graduado em direito pela UNESP-campus de Franca; mestre em direito pela UnB. Indigenista especializado na Fundação Nacional do Índio (Funai). E-mail: mozartamachado@gmail.com

enriquecimento”, “plantios de adensamento”, “nucleação”, “semeadura direta mecanizada (em linha ou a lanço)”, “restauração passiva”, “regeneração natural”, “transposição do solo”, notadamente por se guiarem por métodos de mensuração, metas objetivas e por uma economia capaz de calibrar recursos disponíveis e resultados.

Mas o que experiências indígenas de recuperação ambiental nos demonstram é que os tais conhecimentos, quando tão somente antevistos desde uma ótica dessecada, quer dizer, instilada para um cálculo de superfície a partir da observação de atributos e características dos ínfimos pontos que se recortam, *vide* a ciência moderna, não bastam.

E a razão disso é que as insuspeitas interconexões existentes da vida transcendem o escopo de nossas percepções estreitas, levando esses povos a uma deferência para com a interdependência de todas as coisas, sejam do reino do visível sejam do reino do não visível ou do não conhecido. Em alguns povos originários, por exemplo, costuma-se prestar respeito aos chamados encantados, no sentido de que a agência humana não é a única possível, não comportando assim um indevido centralismo utilitário em torno das meras vontades ou perspectivas humanas. Há, portanto, aqui, uma abertura ou fresta para um outro tipo de conhecimento, não de superfície, mas ancestral, embora isso também não deva ser confundido como um aprisionamento em superstições, credices infantis ou crenças cegas.

O contato com algumas experiências de recuperação ambiental promovidas por povos indígenas nos possibilitou observar particularmente uma característica: um não incomum modo de não sobrepor ou verticalizar algumas agências sobre outras – por exemplo, agências humanas sobre agências não humanas, por assim dizer² –, e isso, particularmente no contexto de promoção de recuperação de áreas degradadas. Significa dizer que, mais do que obter resultados a partir de formas ou técnicas calculáveis e substituíveis, deve-se buscar o reequilíbrio do ambiente (visível e não visível), sendo que, para tanto, os rituais tradicionais são um elo indispensável, por trazerem à tona os saberes protegidos e os legados repassados pela ancestralidade.

Neste texto livre, fazemos uma breve referência à experiência de recuperação ambiental que tem sido realizada na Terra Indígena Xucuru, situada em Pesqueira/PE, em áreas degradadas em função dos usos não sustentáveis por não indígenas que ocupavam o território antes da finalização de seu procedimento demarcatório.

² Sem pretender entrar aqui em debates de correntes antropológicas.

Iniciado em 1989, o processo demarcatório do território indígena obteve sua declaração de posse permanente dos Xucuru em 1992, e sua homologação se deu em 2001. Os Xucuru habitam um conjunto de montanhas conhecido como Serra do Ororubá, região de ecótono entre fitofisionomias da caatinga e mata atlântica³.

Em razão dos usos exploratórios continuados por ocupantes não indígenas ao longo do tempo, apesar de atualmente presentes muito fragmentos verdes na Serra do Ororubá, os Xucuru identificam que, finalizada a etapa do processo demarcatório e desintrusão de não indígenas, é chegado o momento regenerativo do território, o que implica, por exemplo, o amadurecimento do processo de construção de uma gestão ambiental e territorial.

É nesse contexto que merece destaque a experiência que tem sido desenvolvida na Aldeia da Boa Vista, capitaneada por Iran Xucuru, nominada de “*Cosmonucleação Regenerativa*”. Sem que se pretenda assumir nossas palavras como as dele, é particularmente interessante como Iran Xucuru aproxima o conhecimento acadêmico⁴ com uma “*ciência da mata*” e com a sociocosmologia Xucuru, convidando inclusive não indígenas a discutir regeneração ambiental com encantamento. Conforme caminha pela mata, Iran Xucuru vai indagando: “*Qual vai ser a orientação?*”, “*Como plantar?*”, “*Para quem plantar?*”. De acordo com Iran, os Xucurus receberam de volta “*essa terra degradada, doente*”, e previne a todos que naquele solo pisam a “*pisar leve e devagar*”, ouvindo mais os anseios da terra e respeitando os espaços dos encantados.

Assim, observa, por exemplo, que o gavião-peneira não encontrava mais lugar para pousar, deixando de ser encontrado com tanta frequência no território, de modo que prestar atenção nas interações da mata e perceber seus indicadores (visíveis e não visíveis) são sinais relevantes para a condução regenerativa do território.

“*Plantar, colher e curar*” está na tônica da *pedagogia do encantamento* enunciada por Iran Xucuru, abrindo o campo para o desarmamento (inclusive de munições intelectivas) para uma comunhão que agregue indígenas e não indígenas a partir do reconhecimento comum de que claramente não apenas há parcelas de áreas degradadas expostas da terra, mas que esse adoecimento externo é um reflexo do solo degradado de nossas mentes colonizadas.

Essa ciência do encantamento demonstra ainda uma percepção aguçada de que, ao contrário do que se costuma geralmente assumir na filosofia ocidental, a tradição não

³ Contando como referência geral a genérica classificação do IBGE.

⁴ Iran Xucuru tem formação em engenharia agrônômica.

representa propriamente um conjunto de costumes (ou *mores*) repetíveis e fechados em formas deterioradas e cegas, mas aponta, bem ao contrário, para a representação⁵ no vórtice de uma expansão de movimento que perpassa necessariamente por uma sabedoria ancestral. Dessa maneira, o enfoque está mais no seu caráter dinâmico do que na estagnação de formas ocas, o que possibilita que as tradições sejam precisamente um elo entre os antepassados do presente e os antepassados do futuro, na busca pela saúde que liga todos os viventes (tanto visíveis quanto não visíveis).

O breve extrato filosófico dessa forte experiência dá pistas interessantes para pensarmos alternativas e formas mais saudáveis em nosso contexto, num outro nível de vínculo, frente aos chamados das demandas de nossos tempos limítrofes, quando nos deparamos com uma crise humanitária sem precedentes e com um profundo exaurimento de formas de vida insustentáveis.

Reencantar a ciência, fazer agricultura com reencantamento e regeneração ambiental com uma pedagogia do encantamento, mais do que criar maneiras mais sofisticadas que possam se atentar para a interdependência de todas as coisas, são uma oportunidade para a regeneração dos solos degradados de nossas mentes e corações. O replantio, nesse caso, aponta para um horizonte de alegria, reforçando os contrastes com os efeitos densos de hoje manifestos nas tristezas patológicas de nossa atual condição enferma.

Recebido em: 20/05/2022

Aprovado em: 03/06/2022

⁵ Representar como uma reapresentação que não ignora as particularidades que se apresentam no presente.